

UMA VOCAÇÃO INABALÁVEL

A saga de um suíço pelas províncias brasileiras

Marilia Marx Jordan^a

Quando Ferdinand Böschenstein nasceu, o inverno já havia começado. Os três últimos anos haviam sido rudes e as temperaturas extremamente baixas. O céu permanecera coberto de nuvens e o sol pouco brilhara. O frio se prolongara pelos outros meses do ano, parte dos animais domésticos morrera, as plantas não vingaram, as colheitas foram magras e os suíços sofreram com a fome. O recém-nascido desse 15 de novembro de 1819 era franzino. Seus pais, o toneleiro Heinrich Böschenstein e Anna Johanna Büel, pensaram que não sobreviveria e trataram de chamar um pastor para batizá-lo. Schwanen, a grande moradia familiar, ficava na cidade de Stein sobre o Reno, Cantão de Schaffhausen, no bairro de Vorderbrücke (literalmente “Antes da ponte”), na margem oposta do rio e um pequeno enclave dentro do cantão vizinho, a Turgóvia. O pastor que acorreu exercia na paróquia protestante de Wagenhausen que pertencia a esse outro cantão.

Ninguém previra que a obstinação do menino o faria sobreviver aos prognósticos da parteira, dos pais e do pastor, nem que a agitação desse primeiro dia seria uma constante em sua vida. Graças a essa tenacidade e ao seu dinamismo, ele fundaria uma escola onde aplicaria seu próprio método pedagógico, ensinando as matérias que acreditava serem indispensáveis para abrir o espírito. Nesse sentido, ele não hesitaria em mudar de continente, atravessar mares e florestas, percorrer a pé e a lombo de burro milhares de quilômetros, tornar-se fluente numa língua desconhecida em sua terra natal, enfrentar fome, miséria, calor, desconforto, doenças e uma série de adversidades difíceis de serem concebidas por seus patrícios.

^a Marilia Marx Jordan é meteorologista formada pelo Instituto de Geociências da Universidade Federal do Rio de Janeiro e curso de 3º ciclo em Hidrologia na Escola Politécnica Federal de Lausanne (EPFL), Suíça. É pesquisadora do Instituto Nacional de Meteorologia, Rio de Janeiro. Assistente no Instituto de Engenharia Rural (EPFL) e assistente de integração e responsável pela permanência de refugiados políticos de Caritas, Neuchâtel, Suíça. Além disso, é pesquisadora a título particular da história da colonização da região do Mucuri, Minas Gerais. Contato: famjordan@bluewin.ch

Nada o predestinava a essa vida e seus primeiros anos foram semelhantes aos dos outros jovens oriundos da classe média de sua região de origem. Estudara, fizera serviço militar e uma formação profissional. Não se sabe se a carreira escolhida, mestre-escola, fora uma decisão própria ou influenciada por seu tio preceptor¹. A família esperava que Ferdinand seguisse os passos de seu irmão Johann Georg, nascido quinze anos antes, proprietário de uma próspera loja de especiarias e de produtos coloniais, que em 1834 se lançara com sucesso na política².

No entanto, Ferdinand se apaixonou pela profissão e pelas novas teorias de educação de dois pedagogos que davam um maior peso aos interesses e à personalidade dos alunos. Um deles, Johann Heinrich Pestalozzi³, era natural de Zurique e o outro, Johannes Büel⁴, de Stein sobre o Reno e seu parente distante pelo lado materno. Os resultados eram interessantes e, no início desse século XIX, um dos membros do governo suíço⁵ encarregara seu parente de reorganizar o ensino nas escolas rurais do país⁶.

Embora fascinado pela profissão, Ferdinand fora desviado do ensino para trabalhar no negócio do irmão, cujas funções para o governo, cada vez mais elevadas, deixavam-lhe pouco tempo para o resto. O comércio não o interessava. Além disso, ele não queria seguir as ordens do irmão nem viver à sua sombra.

Aos vinte e sete anos, ele decidiu seguir seu próprio caminho. Alcançara o posto de tenente do exército de seu Cantão⁷, o que o liberara de suas obrigações militares, pediu seu passaporte e partiu a título particular para a Prússia⁸. A decisão não agradara a família e, ao voltar, ele se instalou em outra região da Suíça. Lá, conheceu Anna Maria Josepha Rosália Elmiger. Jovem instruída, filha de um médico⁹, ela pertencia a uma família influente do Cantão de Lucerna¹⁰. Rosália era católica, Ferdinand protestante e, no século XIX, os casamentos inter-religiosos não eram bem-vistos. Ambos tinham a mesma idade, vinte e nove anos, e eram obstinados. Deixando de lado as objeções das famílias, eles se casaram em junho de 1848¹¹. Em outubro do ano seguinte, Anna deu à luz um menino, que recebeu o mesmo nome do pai, Ferdinand¹².

Rosália abraçou o ideal do marido de fundar sua própria escola. Além dos dois, um dos primos de Ferdinand, Daniel Heinrich Uhlmann¹³, aderira ao projeto. Sua admiração pelo primo era incondicional. Embora menos capaz, ele compensava as lacunas e ficava inteiramente à disposição do projeto para o qual estava pronto a se sacrificar.

Fundar uma escola particular num país onde o ensino elementar era gratuito e de boa qualidade seria bem mais complicado do que haviam imaginado. Ferdinand procurou outro lugar para desenvolver seu projeto. No continente europeu, onde a vida estagnava e as mudanças sociais se faziam desejar, o Novo Mundo era visto como um vasto campo de

experimentações, um Éden onde todos os sonhos poderiam ser realizados. Os lavradores se tornariam proprietários de suas terras, os artesãos exerceriam seus talentos sem serem ameaçados pelas indústrias, os empresários realizariam seus projetos mais extravagantes, os naturalistas descobririam novos espécimes, os pintores e escritores encontrariam uma reserva inesgotável de assuntos a imortalizar, os pobres ficariam ricos e os ricos, milionários.

Decepcionados com a vida que levavam, os europeus achavam que o Novo Mundo os acolheria de braços abertos. Hospitais e doentes procuravam médicos. Estradas, pontes, portos e diferentes construções reclamavam engenheiros para planejá-las e operários para construí-las. Aos dois primos, ele ofereceria o terreno ideal para desenvolver suas ideias pedagógicas.

No fim de 1855, início de 1856, a empresa Steinmann & Cie, baseada na Antuérpia (Bélgica)¹⁴, lançou uma vasta campanha de recrutamento de colonos destinados a vários empreendimentos no Brasil, entre eles, a Companhia de Navegação e Comércio do rio Mucuri¹⁵.

A empresa pertencia ao político mineiro Theóphilo Benedicto Ottoni, não tinha vocação colonizadora nem precisava de europeus como mão de obra. Seu principal objetivo era abrir uma nova ligação entre a fértil região do sertão da Província de Minas Gerais e o Rio de Janeiro, capital do Império. A ideia era que essa ligação fosse mais rápida e barata que a existente, feita inteiramente por via terrestre. Por essa ligação, as mercadorias eram transportadas por tropas de burros. Essas tropas percorriam longas distâncias por meio de veredas sinuosas e em péssimo estado. Esse tipo de transporte aumentava, de forma considerável, o preço das mercadorias que, ao chegarem ao seu destino, deixavam de ser concorrenciais. A proposta de T. Ottoni era ligar as duas regiões por via fluvial e marítima. Sua linha de vapores percorreria a costa atlântica até a embocadura do rio Mucuri e o subiria até sua nascente, nas proximidades das cidades de Minas Novas e Serro, centros agrícolas da região¹⁶.

Baseado nas conclusões de uma expedição feita em 1837, o projeto não previa o contrato de colonos europeus. O funcionamento da empresa poderia ser assegurado pelos brasileiros e as tarefas árduas executadas por escravos. Essa necessidade só apareceu após o envio de uma segunda expedição e a descoberta de uma série de imprevistos. O primeiro deles vinha da dedução errônea de que o rio, até então percorrido por canoas, o poderia ser por vapores. Ora, a expedição descobriu que, cerca de cem quilômetros acima da embocadura do Mucuri, havia uma cachoeira, batizada de Santa Clara. A partir desse ponto, o rio tinha uma série de cascatas e corredeiras e a navegação só poderia ser feita por canoas.

Para evitar os obstáculos, um novo projeto foi desenhado e passou a incluir a abertura de uma estrada ligando o último ponto navegável ao sertão. Embora essa estrada atravessasse uma região de colinas coberta de espessa floresta tropical e cortada por inúmeros rios e riachos,

proteger seus novos territórios, eles atacavam violentamente todos os que lá penetravam. O medo causado pela agressividade indígena era aumentado pela aparência assustadora causada pelas pinturas corporais vermelhas e negras e os adornos de madeira inseridos nos lábios e orelhas. Os brancos os assimilavam a diabos e lhes haviam dado o apelido pejorativo de botocudos.

Os lavradores brasileiros se negaram a se mudar para a região. Obrigado a encontrar uma solução, T. Ottoni decidiu povoá-la com colonos europeus que ignoravam tudo sobre os moradores.

Encarregada desse recrutamento, a Steinmann & Cie possuía uma filial na Suíça, a Steinmann-Devret¹⁸, instalada na Basileia, mesma cidade em que Böschenstein vivia com a família desde 1853¹⁹. O agente local, Daniel Steinmann, lançou sua campanha se baseando nos dados fornecidos por T. Ottoni. Os pontos positivos da colônia – sua fundação recente, a fertilidade de seu solo e facilidades para a compra de terras – eram colocados em evidência e os negativos – hostilidade dos indígenas, falta de infraestruturas, dependência de alimentos vindos de outras regiões e o isolamento em que viveriam – não eram mencionados.

Uma colônia recém-aberta era ideal para a fundação de uma escola e Böschenstein e seu primo Uhlmann se interessaram pelo Mucuri. O contrato os obrigava a comprar terras e a se dedicar apenas ao seu cultivo²⁰, mas isso não lhes parecera um obstáculo. Deviam reembolsar as dívidas contraídas para a viagem e, segundo esse mesmo contrato, o pagamento poderia ser parcelado em quatro anos e feito com os produtos da roça. O contrato não era de parceria²¹. Estavam livres para plantar o que quisessem, vender a quem escolhessem e da maneira que julgassem melhor.

Böschenstein e sua esposa tinham trinta e sete anos, o primo, vinte e seis²². Os três adultos trabalhariam na roça e o filho, com sete anos, ajudaria no que pudesse. As dívidas poderiam ser pagas rapidamente e, em seguida, estariam independentes para se concentrarem no projeto escolar.

Assim que assinaram o contrato, no início de março de 1856, eles partiram para Hamburgo, onde o cônsul brasileiro local lhes entregou os documentos e autorizações necessárias²³. A embarcação prevista, a barca²⁴ Van Dyck, partia da Antuérpia, na Bélgica, e a viagem continuou até esse porto. Eles não eram os únicos passageiros contratados pela Steinmann. Entre crianças e adultos, os colonos eram ao todo noventa e nove, dos quais apenas trinta e cinco iriam para o Mucuri, em Minas Gerais.

Dia 26 de maio de 1856, após quarenta e sete dias de viagem, o Van Dyck chegou ao porto do Rio de Janeiro, onde os colonos se separaram segundo o destino que teriam²⁵.

Böschenstein, sua família e trinta e um de seus companheiros de viagem permaneceram na barca até o dia 1º de junho, quando embarcaram diretamente no vapor Mucuri pertencente a T. Ottoni. A segunda parte da viagem, que os levaria até a região onde viveriam, começou em seguida²⁶.

Após três ou quatro dias de navegação marítima, eles chegaram à foz do rio Mucuri, na aldeia de São José de Porto Alegre, ou Porto Alegre (hoje Mucuri, na Bahia). O arraial era pobre. Um cais, um armazém, onde as mercadorias que subiam e desciam o rio eram estocadas, e um punhado de casebres.

Embora o vapor tivesse feito uma escala em Vitória, no Espírito Santo, eles não haviam sido autorizados a descer. Depois de terem deixado a Antuérpia, Porto Alegre era o primeiro porto que tocaram a terra. A estadia foi curta, apenas o tempo necessário para trocarem de embarcação. O rio não era profundo e sua subida era feita por outro vapor de calado inferior. Por ser menor, ele transportava somente os passageiros e uma parte das bagagens e mercadorias. O resto era colocado nas duas chatas de ferro que rebocava ou era transportado por meio de canoas²⁷.

A subida do rio era monótona e durava dois dias. Suas águas lamacentas serpenteavam no meio da floresta tropical, um emaranhado impenetrável de árvores, arbustos, espinheiros e cipós. No início do trajeto, eles haviam avistado nas margens algumas clareiras com canoas amarradas na praia e, pouco mais além, uma casa maior, sede de uma fazenda, tendo ao redor roças e casebres. Esses sinais de civilização desapareceram após percorrerem cerca de um quinto do percurso total, deixando lugar à floresta escura que lhes parecia sem fim e a um silêncio opressor, quebrado apenas pelos gritos e os voos de papagaios. Volta e meia, um dos troncos de árvore que percebiam flutuar no meio do rio se agitava e mergulhava. Não eram grandes lagartos aquáticos e inofensivos que haviam imaginado, mas animais carnívoros que se chamavam jacarés²⁸.

O comandante navegava com precaução. A presença de corredeiras no centro do leito o obrigava a se manter próximo das margens, onde os bancos de areia e os troncos encalhados eram numerosos. De vez em quando, os galhos das árvores mais frondosas vinham roçar o casco do vapor ou ameaçar sua chaminé. Ao entardecer do primeiro dia, com a diminuição da visibilidade, a navegação se tornou difícil e o vapor atracou ao largo. Lá, passariam a noite. Um escravo desceu a terra para cortar a lenha necessária ao abastecimento da caldeira, enquanto outros se ocupavam da cozinha e ajudavam os passageiros a se acomodarem no convés. Dormiriam no sereno, deitados sobre suas bagagens²⁹.

No dia seguinte, eles zarparam cedo e chegaram ao último porto do rio, Santa Clara (hoje Nanuque, em Minas Gerais). O vapor apitou, anunciando sua chegada, e da terra alguém respondeu com uma salva de tiros. O arraial era ainda menor que Porto Alegre. Havia uma única casa confortável, que servia de residência a um alemão encarregado de acolher colonos e mercadorias, alguns casebres disseminados pelos arredores e um grande galpão onde eles dormiriam entre os fardos chegando ou partindo. Assim que o vapor acostou no cais, um grupo de escravos vestidos de farrapos se aproximou formando uma fila entre o barco e o armazém. Musculosos, a pele negra e brilhante de suor, eles obedeciam às ordens dadas pelo alemão, corriam de um lado para o outro carregando os pacotes pesados ou jogando entre si os mais leves. Acocorados na soleira das portas, os moradores olhavam indiferentes. Homens, mulheres e crianças tinham a mesma magreza, pele amarelada e aparência doentia dos moradores de Porto Alegre.

Os suíços desembarcaram. Depois de tantos dias de navegação, suas pernas cambaleavam e tinham dificuldade em se manter em pé na terra firme. O alemão os dirigiu ao galpão. Nesse lugar, ficaram alguns dias à espera dos tropeiros que os levariam até Filadélfia (hoje Teófilo Otoni, em Minas). Durante esse tempo, eles tiveram a agradável surpresa de encontrar o cônsul-geral da Suíça no Brasil, Heinrich David, que passara algumas semanas a visitar a colônia em companhia de T. Ottoni e se preparava a voltar para o Rio. As cartas de reclamação escritas pelos colonos instalados nas fazendas de parceria da Província de São Paulo começavam a se acumular em seu escritório. O cônsul visitara a colônia do Mucuri, entusiasmara-se com as possibilidades que entrevira para seus compatriotas, transmitiu-lhes suas impressões e lhes prometeu permanecer em contato³⁰.

A partir de Santa Clara, o trajeto era feito pela estrada que partia em direção ao sertão mineiro e ainda em construção. Por ora, era uma trilha malfeita que não admitia o tráfico de carroças e não havia burros suficientes para o transporte de todos. As bestas carregavam as crianças pequenas, os doentes, os velhos e as bagagens. As crianças maiores, os adolescentes e os adultos faziam a pé o trajeto de cerca de duzentos quilômetros³¹.

T. Ottoni havia dividido o trajeto entre Santa Clara e Filadélfia em dez etapas, cada uma tendo entre doze e dezoito quilômetros a serem percorridos em um dia. O que nem sempre era conseguido. As dificuldades dos trechos variavam e alguns deles estavam em tão mau estado que os únicos a percorrê-los em um dia eram os homens dotados de uma boa montaria ou as tropas bem alimentadas e desprovidas de cargas. E, mesmo assim, somente em caso de tempo seco.

Os grupos de colonos raramente percorriam esses trechos em menos de doze dias. As crianças deviam ser ajudadas para atravessarem os riachos e lamaçais e as saias longas das mulheres se enganchavam nos arbustos e espinheiros. Nenhum deles estava habituado com a alimentação de feijão, carne seca e farinha de mandioca, os problemas de estômago e intestino eram recorrentes e os obrigavam a paradas intempestivas.

A etapa final da viagem era uma das aldeias de Santa Clara ou Filadélfia. Ao término de cada etapa, existia uma clareira, mas apenas uma delas dispunha de um bom pouso podendo acolher grupos numerosos. Cinco tinham ranchos sumários que abrigavam poucas pessoas e as três restantes nem isso. A maioria das noites era passada no sereno, num espaço delimitado por galhos de espinheiros e fogueiras, todos arrepiados pela falta de cobertas suficientes e assustados com o barulho de animais desconhecidos. Aos poucos, o cansaço se fazia sentir no corpo e no ânimo e o grupo se arrastava, um pé diante do outro, um olho aberto e o outro fechado. Não havia pastos suficientes ao longo da estrada e os animais sofriam tanto quanto os homens³².

No fim de junho, o grupo exausto chegou ao destino, Filadélfia. No local, não havia uma cidade como lhes haviam afirmado, mas uma clareira ocupada por um enorme milharal. No centro, um grande espaço cortado por várias linhas retilíneas e bem traçadas, e dois quadriláteros empoeirados. De um lado do milharal, a trilha que haviam percorrido e, do outro, uma via tão precária e esburacada quanto a primeira e que os ligava ao interior da província. De todos os lados do milharal, a floresta.

As linhas eram ruas e os quadrados, praças. A maioria dos terrenos que bordavam as ruas estava coberta de mato rasteiro e o punhado de casas existentes estava em diferentes estados de construção. A maioria delas consistia em quatro estacas cobertas por um telhado e sem paredes ou móveis. As duas únicas construções inteiramente prontas ficavam numa das praças. Uma delas era a sede da empresa e a outra, um grande galpão. Era nesse prédio, que servia de armazém e de alojamento para os empregados da Companhia do Mucuri, com uma única subdivisão interna separando as mercadorias dos humanos, que eles morariam nos primeiros tempos. Todos juntos, adultos, adolescentes e crianças; famílias, casais e pessoas solteiras de ambos os sexos.

Além dos trinta e cinco suíços recém-chegados, a colônia era habitada por poucos europeus. Tirando os punhados de engenheiros e técnicos que trabalhavam na estrada e que já estavam lá há mais tempo, todos os outros eram colonos chegados nos últimos doze meses. A região era vasta e, além da colônia Saxônia, onde se instalariam e onde já moravam quatorze saxões e prussianos chegados em dezembro de 1855, havia duas outras aglomerações de

colonos, ambas independentes da Companhia do Mucuri. Uma dúzia de espanhóis, sardos e franceses viviam na Colônia Nuova Milano, nas vizinhanças de Santa Clara. Cerca de oitenta portugueses e um pequeno grupo de militares brasileiros viviam na Colônia Militar do Urucu (hoje Carlos Chagas, em Minas Gerais), situada nas margens da estrada que haviam percorrido e a cerca de oitenta quilômetros de Filadélfia.



*Os três núcleos de colonização e a estrada entre Santa Clara e Filadélfia
Mapa das colônias do Mucuri. (Detalhe)*

Krauss, Carlos. 1866, Leibniz-Institut für Länderkunde. HK171

Poucos dias após chegarem a Filadélfia, os suíços receberam as terras que seriam suas, ao longo das estreitas picadas abertas no meio da mata e nos arredores de Filadélfia. Assim que seus lotes estivessem limpos da vegetação que os cobria, eles construiriam seus casebres, se mudariam e plantariam suas roças. Os saxões e prussianos lhes forneceram algumas informações preciosas. Chegados em dezembro do ano anterior, no início do período de chuvas, haviam sido obrigados a permanecer no galpão até que findassem no início de março. Os suíços haviam tido mais sorte. Sem chuvas nem inundações, tudo avançava mais rápido.

A família Böschenstein e o primo Daniel se instalaram num lote perto de Filadélfia e nas margens da estrada em direção a Santa Clara. Assim que o terreno ficou limpo, eles iniciaram uma roça e construíram uma cabana. Seu teto era feito de folhas de palmeira e as paredes de galhos, cascas de árvore e barro. Não havia janelas e a porta, um buraco obstruído durante a noite com pedras e galhos. A fundação da escola ficaria para mais tarde. De qualquer forma, contando Ferdinand Junior, apenas seis crianças da colônia tinham idade escolar.

O nível de instrução de Ferdinand era bem maior que o da maioria dos brasileiros e dos colonos que já viviam no local e chamou a atenção de Theóphilo Ottoni. Antes de voltar para o Rio, no fim de setembro³³, Ottoni o contratou para trabalhar no escritório da empresa³⁴ e o encarregou de distribuir os mantimentos aos colonos cujas roças ainda não produziam, de manter em dia essa contabilidade e a dos livros do armazém.

Os moradores da região vinham dos quatro cantos do mundo. Os brasileiros ricos moravam em Filadélfia e nas fazendas ao seu redor. Os pobres eram posseiros na estrada que

partia na direção de Minas Novas e os indígenas se mantinham a distância. Às vezes, podiam ser vistos na estrada, mas só apareciam em Filadélfia quando queriam trocar seus produtos por aqueles vendidos no armazém. Alguns raros europeus fortunados viviam em Filadélfia, os outros estavam instalados nas picadas ao redor dessa aldeia ou nas duas outras colônias, Nuova Milano e Urucu.

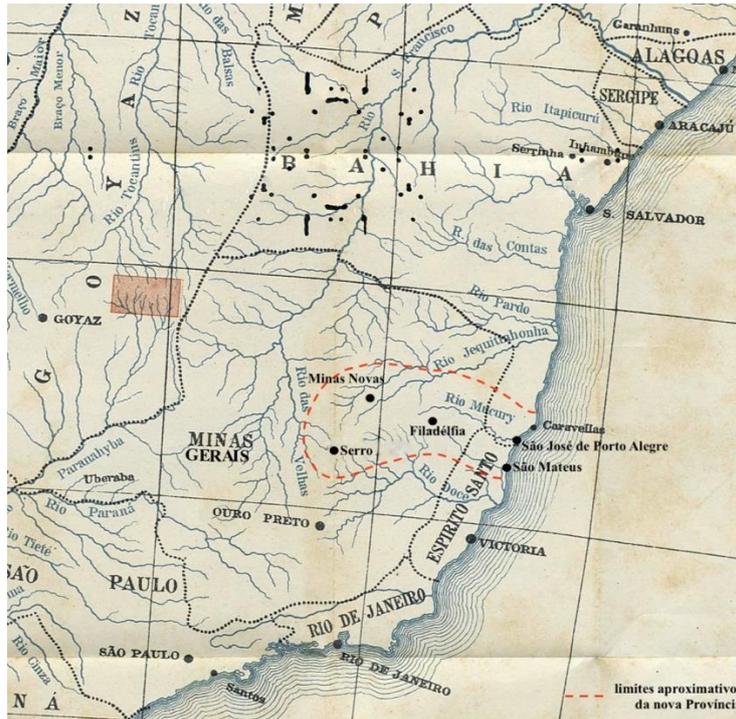
A mão de obra utilizada no Mucuri era quase que exclusivamente formada de escravos africanos e seus descendentes nascidos no Brasil (crioulos). Trabalhavam nas fazendas, nas casas e roças de Filadélfia, nas obras da estrada, na limpeza do rio, nas embarcações da empresa e realizavam toda uma série de outros serviços. Além deles, havia uma centena de chineses que também trabalhava na estrada. Seus chapéus de palha pontudos, suas calças largas e curtas, e suas longas tranças balançando nas costas ou enroladas ao redor do crânio fascinavam os europeus.

Escravos e chineses trabalhavam sob as ordens de feitores armados de chicotes e porretes. Os dois grupos não se misturavam, salvo quando vinham à Filadélfia e dormiam no mesmo local, um apêndice do galpão-alojamento ocupado pelos colonos recém-chegados.

Tudo diferenciava os colonos suíços e alemães dos africanos, chineses e indígenas. A cor dos olhos, dos cabelos e da pele, os adornos, as roupas que usavam ou a falta delas. Ao se cruzarem, eles se olhavam com curiosidade e os únicos que nunca levantavam os olhos eram os escravos. Suas condições de vida os ensinaram a os manter abaixados e a se mostrarem indiferentes em relação a tudo o que os rodeava.

Em outubro desse mesmo ano de 1856, uma grande leva de alemães chegou à colônia. O número de crianças em idade escolar aumentou e Ferdinand resolveu abrir sua escola. Embora parte das famílias vivesse em lotes distantes de Filadélfia, o arraial era o ponto para onde todos convergiam e o local mais adequado para sua instalação.

A ideia de ter um estabelecimento de ensino funcionando em sua colônia agradou Theóphilo Ottoni. Os objetivos que o levaram a fundar sua empresa não eram apenas comerciais, mas também políticos. O rico sertão mineiro, encravado no centro da província mineira, desenvolver-se-ia com a abertura da via marítima e fluvial, deixaria de depender do resto da Província e se tornaria autônomo. Se a essa região fossem anexados o terreno que ele recebera do governo imperial e as terras capixabas e baianas das margens do rio Mucuri, a área poderia ser transformada numa nova província, cuja capital seria “sua” cidade, Filadélfia.



*Limite aproximativo da nova Província imaginada por Theóphilo Ottoni
Mapa do Brasil (detalhe)*

*Comissão exploradora do planalto Central do Brasil – Cruls, Luiz – Relatório parcial
Rio de Janeiro, H. Lombaerts & Cie, 1893*

A abertura de uma escola dentro desses limites, dando um maior peso ao projeto, ele propôs um local para seu funcionamento num canto do armazém e nomeou Böschenstein professor³⁵, sem que se saiba se o posto foi acompanhado de um aumento de salário.

A quantidade de alunos, insuficiente para que Böschenstein vivesse apenas do ensino, fez com que ele guardasse o emprego de guarda-livros. Rosália continuou a se ocupar da roça familiar e o primo Daniel a trabalhar como lavrador diarista para outros cultivadores. Mesmo assim, o dinheiro era insuficiente. A roça produzia o bastante para viverem, mas não havia excedentes para vender. As sementes que a empresa colocava à disposição dos colonos não eram suficientemente diversificadas. Todos cultivavam as mesmas plantas, o que impossibilitava a troca de produtos e os transformava em concorrentes na hora da venda. O gado, além de caro, necessitava de um grande terreno para pastar, o que nenhum colono possuía. Para suprir as necessidades nutritivas de sua família, Ferdinand e os outros colonos dependiam de uma série de alimentos vendidos no armazém.

Segundo uma decisão de T. Ottoni, os lotes situados em Filadélfia e sua vizinhança imediata não podiam ser vendidos, apenas aforados. Fora da cidade era o contrário. O terreno de Ferdinand era aforado. Para diminuir as despesas, ele decidiu se mudar e comprar a crédito um lote numa das picadas. Se a escola desse certo, ele o venderia e voltaria para Filadélfia. Com

as picadas mais próximas lotadas, a família se instalou em Santa Maria e lá construiu um novo casebre e plantou uma nova roça.

A distância aumentara. Em vez de dois quilômetros, eles deviam percorrer doze. Sem ter um burro ou outro tipo de locomoção, deviam ir a pé, transportando nas costas os produtos a vender ou que haviam comprado no armazém. Esse trecho da estrada já estava terminado e em boas condições. Dependendo do peso que se carregava e do tempo que fazia, o trajeto era feito entre duas e quatro horas. Em caso de chuva, ele duplicava. Mas fazer o tal caminho duas vezes por dia era complicado. A noite caía cedo e nenhum colono se atrevia a caminhar na escuridão.

Ferdinand passou a dormir no alojamento dos empregados de Filadélfia, voltando para Santa Maria quando era possível. Daniel continuava a alugar seus braços para os colonos das imediações e ajudava Anna Rosália na roça familiar. A vida era mais dura do que haviam imaginado, mas a esperança de que um dia a escola funcionasse corretamente lhes dava coragem para continuar.

No início de 1857, o diretor da colônia militar do Urucu obteve do Governo Imperial a abertura de uma escola de primeiras letras gratuita no local para os filhos dos soldados e dos colonos portugueses³⁶. A notícia teve um efeito inesperado. A escola do Urucu preenchia o único objetivo pelo qual Ottoni ajudara Böschenstein: ter um estabelecimento de ensino dentro da região do Mucuri. Ele pouco se importava que a grande distância entre os dois núcleos – cerca de oitenta quilômetros a serem feitos a pé – impedia que fosse frequentada pelos filhos de seus colonos. A situação financeira da empresa não era boa, qualquer economia, mesmo mínima, era bem-vinda, e ele retirou a subvenção que até então havia dado à escola de Filadélfia³⁷.

Böschenstein resolveu persistir. A mercadoria transitando pelo armazém de Filadélfia era pequena. Ele continuava parcialmente inocupado e Ferdinand conseguiu que T. Ottoni continuasse a lhe emprestar o pequeno espaço ocupado pela escola. Na Europa, o salário do professor era pequeno e devia ser completado pelas contribuições em comida e lenha feita pelos alunos. Ele instalou o mesmo hábito em sua escola. Nem todos os colonos estavam aptos a garantir suas próprias subsistências. Cada família contribuía com o que podia e aquelas que nem isso podiam, retiraram os filhos da escola. A maioria das crianças morava longe e Böschenstein gostaria de abrir um internato para acolhê-las, um sonho impossível sem ajuda financeira. Mas ele continuava confiante. Com o tempo, a situação financeira da companhia melhoraria e ele acreditava que T. Ottoni o ajudaria.

Em 1857, chegaram mais famílias com crianças, mas, segundo o plano de ocupação da área, elas foram instaladas em picadas cada vez mais distantes de Filadélfia. O número de alunos não aumentou.

Seu trabalho como agente da companhia o ajudava a viver, mas era uma fonte de conflitos. As notas de dinheiro e as moedas eram raras a circular dentro do Mucuri e a falta de liquidez era corrente em todas as classes sociais. A compra e a venda eram feitas a crédito, inclusive entre fazendeiros e negociantes. Todos faziam empréstimos, dos mais pobres aos mais ricos, inclusive o subdiretor da Companhia do Mucuri e os membros da família Ottoni. O principal credor era a companhia e Ferdinand era seu guarda-livros. As disputas a propósito dos montantes anotados nos livros de contabilidade eram comuns, sem, no entanto, degenerarem. Ferdinand lutava para sobreviver e sua honestidade era reconhecida por todos.

Ainda em 1857, Ferdinand Böschenstein e o negociante alemão H. tiveram um conflito por motivo ignorado, o mais provável sendo um desacordo quanto ao montante das dívidas de H. anotado nos livros de contabilidade. Querendo se vingar, H. lançou uma vasta campanha de difamação contra Ferdinand. Comerciante bem conhecido em Filadélfia, ele começou a espalhar uma série de boatos caluniosos. Aos colonos, dizia que Ferdinand se sentia superior e não os apreciava. Aos protestantes, afirmava que o mestre transmitia ideias católicas a seus alunos, e à administração, que Ferdinand falava mal da colônia e de sua direção a todas as pessoas que encontrava, fossem elas colonos, tropeiros ou fazendeiros³⁸.

No fim desse ano, chegaram mais colonos e, entre eles, Georg Boggis, professor que falava correntemente inglês, alemão e português. O inglês por ser sua língua materna, o alemão por ter sido criado na Confederação Germânica e o português por possuir experiência de vários anos de ensino no Brasil. No ano seguinte, Boggis abriu sua própria escola em Filadélfia.

Ferdinand Böschenstein também falava as três línguas, mas era menos fluente em duas delas. Nunca vivera num país de língua inglesa e tinha menos tempo de vida no Brasil. Ele também falava francês e estava apto a dar aulas de latim, mas nunca colocara esses conhecimentos em evidência. Os alunos do primeiro idioma eram raros e não havia solicitação para o segundo. A concorrência da nova escola era ruim para seu estabelecimento e os boatos espalhados por H. lhe foram fatais. Alguns colonos começaram a evitá-lo e certos pais retiraram os filhos de sua escola para enviá-los ao estabelecimento de Mestre Boggis.

O número de alunos que frequentava as duas escolas – dezenove – era pequeno demais para que ambas sobrevivessem³⁹. Embora H. acabasse por se arrepender da campanha de difamação que coordenara e procurado Ferdinand para se desculpar, os boatos continuaram a circular e chegaram aos ouvidos de T. Ottoni no Rio de Janeiro.

Acostumado a tomar decisões intempestivas sem esperar o tempo necessário para analisá-las, ao retornar ao Mucuri, em fevereiro de 1858⁴⁰, e passar pelo sítio de Ferdinand, ele nem apeou do cavalo para comunicar que demitira Ferdinand do posto de agente da companhia e despejara a escola do armazém. Os livros de contas deviam ser entregues ao subdiretor da companhia, o armazém esvaziado do material escolar e as ordens deviam ser executadas imediatamente. Sem dar tempo a seu ex-empregado de se defender, T. Ottoni esporeou seu cavalo e partiu numa nuvem de poeira⁴¹.

Ferdinand se resignou e obedeceu. Poucas semanas mais tarde, ele foi surpreendido pela notícia de que as ordens haviam sido revogadas e que tudo voltaria a ser como antes. Devia reassumir seu posto de agente e reintegrar a escola no armazém⁴².

A viravolta de Theóphilo Ottoni fora causada pela chegada na colônia do Barão Jakob von Tschudi⁴³, cientista suíço vindo do centro de Minas Gerais. Homem sensato e curioso, interessado no funcionamento das colônias brasileiras e na maneira como seus conterrâneos viviam no Brasil, Tschudi, que falava várias línguas, entre elas o português, interrogara todas as pessoas que cruzara durante sua estada. Embora suas opiniões fossem influenciadas por seu meio social e estivesse convencido de que a classe à qual ele e a família Ottoni pertenciam tinha direito a regalias negadas aos outros, ele era um homem justo. Soubera da decisão intempestiva de Theóphilo Ottoni e, ao conversar com uns e outros, formara sua opinião. O fato de Böschenstein e sua esposa pertencerem a famílias influentes na Suíça talvez tenha pesado na sua opinião, mas conversou com Ferdinand. Chegara a conclusão de que era um bom mestre e persuadira T. Ottoni de anular a decisão⁴⁴. A intervenção fora providencial para Böschenstein, mas o mal havia sido feito. Parte dos alunos que tinham partido haviam se inscrito na outra escola e não voltaram.

Uma das funções de Böschenstein sendo a distribuição dos alimentos aos colonos que ainda não eram autossuficientes, ele sabia que entre as famílias chegadas no ano anterior havia muitas crianças. Elas haviam sido instaladas ao longo da estrada, num trecho costeando o Ribeirão das Lages, indo da Colônia do Urucu ao quartel do Palmital. Esses alunos potenciais moravam longe demais de Filadélfia para frequentar uma das escolas do local. E, embora próximos do Urucu, estavam impossibilitados de estudar nessa escola. O professor brasileiro só falava português.

Saber que essas crianças estavam condenadas ao analfabetismo lhe dera a ideia de fundar uma escola nas vizinhanças desse loteamento. As roças de seu lote em Santa Maria produziam suficientemente para alimentar sua família, que entretanto havia aumentado. Rosália havia dado à luz uma nova criança. Ferdinand contratou alguns chineses e africanos

livres para ajudar em Santa Maria, comprou um novo lote a crédito, desta vez no Palmital, e partiu para lá em companhia do primo Daniel. Após limparem o terreno e darem início à roça e ao rancho, Ferdinand encarregou o primo de continuar os trabalhos e voltou à Filadélfia. Dividia o tempo entre o escritório da empresa, a escola, a roça e a família em Santa Maria. Durante as visitas de distribuição de alimentos, visitava Daniel e ajudava nos trabalhos no Palmital⁴⁵.



Diferentes locais onde Böschenstein viveu e suas distâncias até Filadélfia.

1- Vizinhança de Filadélfia (~ 2 km) 2- Picada de Santa Maria (~12 km) 3- Quartel (~53 km)

Mapa das colônias do Mucuri. (Detalhe)

Krauss, Carlos. 1866, Leibniz-Institut für Ländekunde. HK171

Entre o fim de 1856 e o início de 1857, as chuvas haviam sido raras em todo o sertão mineiro. A seca se instalou e, a partir do segundo semestre, as culturas de Minas Novas, Serro e Diamantina começaram a morrer. Um grande número de retirantes do sertão mineiro afluiu ao Mucuri. Parte deles atraídos pelos salários oferecidos aos trabalhadores da estrada e outra parte à procura de um trabalho mais fácil. As plantações de cana e o número de alambiques se multiplicaram, os jogos por dinheiro apareceram e, no seu rastro, vieram as brigas e os assaltos⁴⁶.

No Mucuri, a agricultura fora parcialmente salva graças ao orvalho. As colheitas haviam sido magras, mas não houvera fome entre os lavradores e os colonos cujas roças já produziam. O impacto da seca fora bem mais grave para a Companhia do Mucuri, cujas finanças dependiam inteiramente do movimento de exportação-importação do sertão mineiro e que cessara completamente⁴⁷.

Obrigada por contrato a alimentar os operários e os colonos recém-chegados, a empresa o fazia com os produtos vindos do sertão mineiro e cultivados na região, uma concorrência que até então lhe fora benéfica. Com a seca, ela devia se abastecer apenas no Mucuri e os fazendeiros se aproveitaram da situação. Prevendo a falta de mantimentos, eles haviam estocado, deixando os colonos, que produziam em menor quantidade e não podiam estocar, venderem suas colheitas pelo preço normal. Quando a falta se instalou e sabendo que a empresa

não encontraria outros fornecedores, eles começaram a especular. Os preços dos alimentos vendidos no armazém ou entregues aos colonos e operários subiram de maneira escandalosa. Os negociantes brasileiros que não possuíam suas próprias roças começaram a abandonar Filadélfia. Os imigrantes estrangeiros não podiam fazer o mesmo.

Em meados de 1857, Ottoni havia contratado uma centena de operários alemães e, em maio de 1858, ao verem a situação piorar, eles se revoltaram⁴⁸. Um grupo que trabalhava perto da colônia militar do Urucu abandonou as obras e partiu para Filadélfia para apresentar suas queixas a Theóphilo Ottoni. Nenhum deles tinha dinheiro ou mantimentos e eles roubavam o necessário nas roças da beira da estrada ou aos tropeiros encontrados pelo caminho.

A picada de Santa Maria onde a família de Böschenstein morava, desembocava na estrada e sua casa era uma das primeiras. Seu emprego de distribuir os mantimentos e manter a contabilidade lhe valera a inimizade dos colonos e dos operários e os boatos espalhados no ano anterior não o haviam ajudado. Böschenstein não era amado e sua casa foi assaltada. Ele, como a maioria dos moradores do local, era pobre. Não possuía nem dinheiro nem objetos de valor. Suas únicas possessões eram os produtos de sua roça e os alimentos comprados no armazém, que foi forçado a lhes entregar⁴⁹.

A situação de Ferdinand piorou e a dos outros moradores não era melhor. A Companhia do Mucuri nunca alcançara uma estabilidade financeira e as despesas suplementares causadas pela seca a colocavam numa situação delicada. O sucesso da empresa e o término da estrada eram essenciais para que Theóphilo Ottoni alcançasse seu principal objetivo: a criação de uma nova província na área. Ele passara a empregar toda a sua energia para resolver esses problemas, deixando de lado todos os outros, entre eles a situação dos imigrantes europeus que continuava a se deteriorar cada vez mais.

A situação sanitária também se degradara. A malária, que reinava nas margens do rio Mucuri desde 1853, alcançara outros rios e riachos à medida que os colonos infectados se instalavam em suas margens. Em 1857, ela estava presente em toda a região entre Santa Clara e o Urucu e começava sua progressão pelas margens do ribeirão das Lages em direção do Palmital.

A seca no sertão mineiro continuou por todo o ano de 1858 e o abastecimento com produtos vindos dessa região se tornou impossível. Quase todos os moradores de Filadélfia e suas redondezas haviam se tornado autossuficientes e o problema da alimentação estava limitado aos colonos que haviam chegado a partir de 1857. Eles viviam entre Santa Clara e o Palmital e, para alimentá-los, T. Ottoni passou a comprar o necessário no Rio de Janeiro,

fazendo o transporte por meio de seus vapores, que chegavam a Santa Clara uma vez por mês. A operação era cara e pesava nas finanças da companhia.

Ao mesmo tempo, T. Ottoni enfrentaria outro problema. O prazo que recebera para a povoação de suas terras em breve chegaria ao fim e ainda faltavam dois terços do número prometido. Pressionado pelo tempo que restava, ele continuaria a encomendar colonos, sem levar em consideração a seca e a falta de alimentos e alojamentos para todos.

Nos últimos meses de 1858, centenas de europeus desembarcaram em Santa Clara e as ordens recebidas pelo administrador local eram vagas. Uma delas era a de fornecer palha para que os colonos construíssem seus abrigos. Outra era a de que os casebres ficassem suficientemente longe de Santa Clara, o que lhes evitaria contrair a malária⁵⁰, mas suficientemente próximos para facilitar a distribuição dos mantimentos vindos do Rio.

A chuva desse fim de ano foi copiosa, pôs fim à longa seca e obrigou parte dos colonos a abandonar os abrigos de palha, para se refugiarem nos dois ou três prédios existentes e já superlotados. A umidade, a promiscuidade e as condições de higiene deploráveis favoreceram a multiplicação dos piolhos, pulgas e outras verminas e o aparecimento de doenças dos olhos e da pele. Com a chuva, os mosquitos proliferaram e essa população subnutrida e sofrendo de problemas gastrointestinais, em razão da alimentação desequilibrada, foi atacada pela malária. No início de 1859, quando os primeiros casos de tifo apareceram, as condições eram ideais para que se transformasse numa epidemia e o número de mortes foi elevado⁵¹.

Em Filadélfia e seus arredores, embora saudáveis, os colonos estavam irritados. O tempo passava e nenhuma das promessas de T. Ottoni fora executada. Continuavam sem padre, sem pastor, sem registros civis⁵², sem parteira, a escola era paga, o médico existente, embora praticasse preços módicos, só falava português, e seus lotes não haviam sido medidos⁵³. Exasperados, eles prepararam um abaixo-assinado e ameaçaram enviá-lo aos representantes do Governo Imperial.

No auge da epidemia, o Dr. Avé-Lallemant⁵⁴, que exercera vários anos na Santa Casa da Misericórdia do Rio, chegara ao Mucuri. Horrorizado com a situação, ele fizera um escândalo e o governo enviara um navio de guerra para resgatar os colonos doentes⁵⁵. A publicidade dada ao evento era negativa para a Companhia do Mucuri, para seu diretor, T. B. Ottoni, e contrariava os planos políticos para a região.

Os colonos, que ignoravam todos esses problemas, não haviam escolhido um bom momento para apresentar suas queixas. T. Ottoni as conhecia, mas obcecado pelas dificuldades da empresa, nunca tentara resolvê-las. Para acalmar os ânimos e dar uma prova de boa vontade, ele lhes ofereceu a gratuidade escolar.

A escola de Ferdinand Böschenstein continuava a funcionar no armazém, mas Ottoni não apreciara a intervenção de von Tschudi em favor do professor e guardara um certo rancor dele. Os boatos espalhados no ano anterior sobre o hipotético catolicismo de Böschenstein⁵⁶ lhe forneceram uma boa desculpa. Sem verificar sua veracidade, ele decidiu despejá-lo do armazém, oferecer o local ao inglês Georg Boggis e nomeá-lo professor. A nomeação contava com o apoio dos negociantes brasileiros e estrangeiros do local, com quem Boggis se ligara por amizade⁵⁷, mas a solução não foi uma boa opção para os alunos. Boggis, além de ser menos competente que Böschenstein, estava doente e tinha um grave problema de alcoolismo, motivo pelo qual fora demitido de vários postos e o forçara a partir do Rio de Janeiro⁵⁸.

A decisão de Ottoni arrasara todos os esforços consentidos por Ferdinand e sua família nos últimos três anos. A roça começara a produzir excedentes, mas, com todos cultivando as mesmas plantas, o preço obtido raramente compensava a energia empregada na faina e nas lutas contra os predadores e as doenças e eles continuavam endividados⁵⁹.

O plano de fundar uma escola no Palmital não fora adiante. Haviam esperado recrutar alunos entre as famílias instaladas no Ribeirão das Lages, mas nenhuma delas queria se fixar no local, onde as terras eram pouco produtivas e insalubres.

Sem escola, Ferdinand perdera o único motivo de permanecer no Mucuri e reconsiderou a decisão. Acabara de completar quarenta e dois anos, continuava a morar num barraco precário e tinha dois filhos para criar. O menor, nascido no Mucuri, tinha menos de dois anos e o mais velho completara dez. Ferdinand havia se encarregado da educação do filho, mas gostaria de enviá-lo para estudar numa cidade maior. Os últimos acontecimentos o obrigaram a ver a realidade. Se continuasse no Mucuri, seus filhos nunca teriam o futuro que ele e a esposa tinham esperado.

No fim do ano de 1859, após vender o lote de Santa Maria, ele reembolsou praticamente toda a sua dívida, despediu-se dos poucos alunos aos quais ensinava e, com o pretexto de um negócio urgente no Rio de Janeiro, recuperou seu passaporte confiscado pela empresa⁶⁰ e partiu para a capital pouco antes do Natal⁶¹. Ia à procura de um emprego e não pretendia voltar, mas, para não levantar suspeitas, partiu sozinho, deixando a família à espera. Caso encontrasse algo, eles viriam ao seu encontro e, no caso contrário, ele voltaria.

Quando chegou ao Rio, Ferdinand foi diretamente ao Consulado da Suíça e, por intermédio do cônsul, encontrou um emprego em Nova Friburgo. Em julho de 1860, a esposa, os dois filhos e o primo partiram do Mucuri, abandonando o barraco, o terreno do Palmital e a pequena dívida de 35\$720 que ainda restava a saldar. Partiam com a consciência em paz. O lote coberto de mata valia 300\$000 e o que abandonavam, limpo e cultivado, alcançaria um preço

mais alto. O preço obtido pela empresa seria superior ao saldo que lhes restava pagar e teriam ficado estupefatos se tivessem descoberto que T. Ottoni não os retirara do livro de devedores da companhia⁶².

A família se instalou em Nova Friburgo⁶³, onde Böschenstein começou a ensinar no Colégio São Vicente de Paula, de ótima reputação e fundado pelo Barão Joseph Hermann Tautphoeus (1812 -1890), pedagogo bávaro.

Cerca de um ano mais tarde, o Visconde de Souto⁶⁴, fundador e proprietário da primeira casa bancária brasileira, a “A. J. A. Souto & Cia”, contratou Ferdinand Böschenstein para preceptor de seus filhos⁶⁵. Ferdinand e sua esposa mudaram-se para o Rio de Janeiro e foram morar com seus pupilos na chácara da família no Engenho Velho (hoje, o bairro da Tijuca)⁶⁶. O Visconde possuía outras propriedades, uma delas na Quinta da Boa Vista, vizinha do palácio Imperial, e possuía um pequeno Jardim Zoológico. Sua situação financeira e a de seu estabelecimento bancário eram excelentes, mas a crise financeira de setembro de 1864 os atingiu em cheio. O banco foi à falência e, para saldar as dívidas do estabelecimento, o Visconde vendeu suas terras, diminuiu suas despesas e demitiu o preceptor de seus filhos. Não querendo abandonar Böschenstein, que se revelara um excelente preceptor, o Visconde enviou várias cartas de recomendação a amigos e conhecidos.

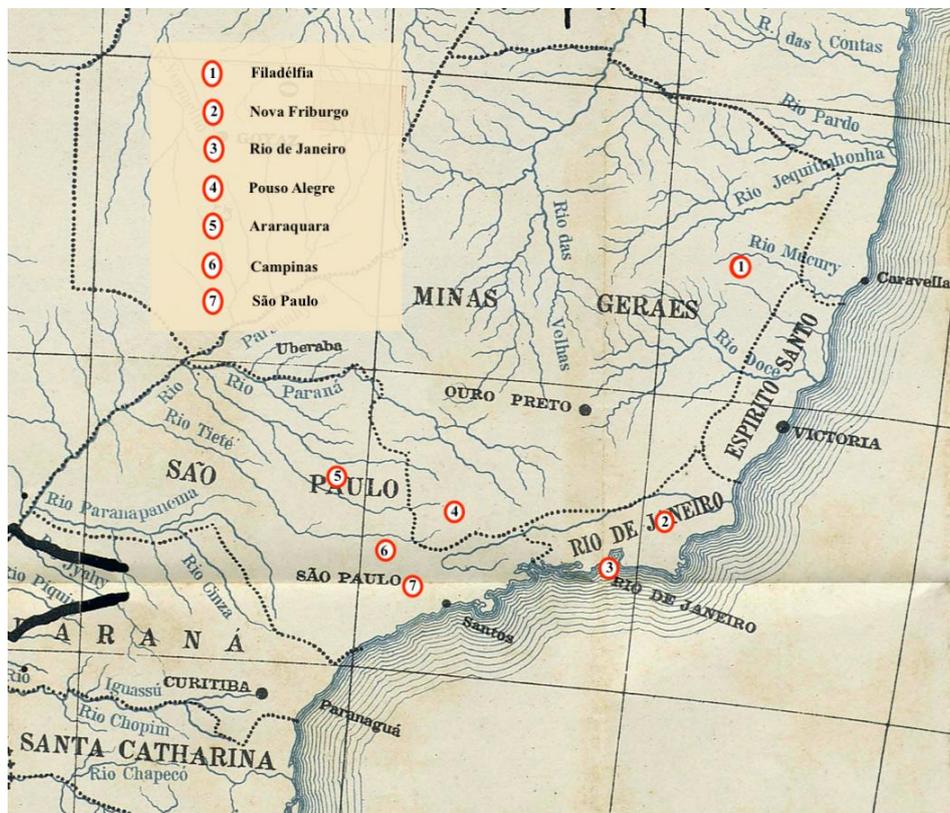
Graças a uma dessas cartas, Böschenstein obteve o posto de diretor do Colégio do Bom Jesus em São Bento de Pouso Alegre (hoje Pouso Alegre, em Minas) e se mudou no início de 1866 em companhia da esposa e dos filhos. Um ano mais tarde, o primo veio ao seu encontro e foi integrado à equipe pedagógica⁶⁷. Os primos ensinavam as matérias principais, um padre dava as aulas de religião e Rosália se ocupava da intendência e dos alunos internos. A família se integrou na localidade e Ferdinand Junior, inscrito no colégio, foi crismado na localidade. O sucesso do método de ensino de Böschenstein atravessou os limites da Província mineira e um morador de São Bento de Araraquara (hoje Araraquara), em São Paulo⁶⁸, visitou a escola durante os exames de 1867. Entusiasmado, ele matriculou algumas crianças de sua família e prometeu inscrever seus filhos quando alcançassem a idade⁶⁹.

Böschenstein e a família ficaram em Pouso Alegre até o fim de 1869, quando, sob a insistência do político paulista, eles se mudaram para Araraquara. Lá, eles fundaram uma escola nos mesmos moldes que os experimentados em Pouso Alegre.

Quatorze anos após chegarem ao Brasil e dez após abandonarem a escola fundada no Mucuri, Böschenstein e Uhlmann realizavam o sonho que os havia levado a partir da Suíça. Fundar um estabelecimento de ensino onde aplicariam seus próprios princípios de pedagogia. O Colégio Ipiranga, fundado em janeiro de 1870, oferecia ensino primário e secundário e

aceitava alunos em regime de externato, semi-internato e internato. O esquema era o mesmo já experimentado pela trinca em Pouso Alegre. Anna Rosália se encarregava dos alunos internos, um vigário, das aulas de religião e os dois primos, ajudados por um novo professor, de todas as outras matérias. O novo mestre-escola que integrara a equipe era Ferdinand Junior, que seguira os passos do pai.

Durante o primeiro ano, o colégio funcionou num prédio alugado, mas, em abril de 1871, os setenta e um alunos inscritos⁷⁰ se mudaram para o novo colégio, construído num terreno pertencente aos fundadores⁷¹.



*Lugares onde Ferdinand Böschenstein ensinou ou fundou escolas
Mapa do Brasil (detalhe)*

*Cruls, Luiz – Relatório parcial da comissão exploradora do planalto Central do Brasil
Rio de Janeiro, H. Lombaerts & Cie, 1893*

No primário, as crianças aprendiam leitura, caligrafia, gramática, aritmética e catecismo. No secundário, além de aprofundarem os conhecimentos adquiridos no primário, estudavam latim, inglês, francês, alemão, retórica, álgebra, geometria, física, geografia, cosmografia, história, filosofia e escrituração comercial. Em opção e contra um suplemento, podiam seguir aulas de desenho e de música⁷².

O excelente nível dos alunos que frequentavam o Ipiranga passou a ser conhecido bem além de São Bento de Araraquara. Em Campinas, há alguns anos, a Sociedade Culto à Ciência projetava fundar uma escola de meninos de nível primário e secundário, e a fama de Böschenstein chegara aos ouvidos de seus dirigentes. Durante o ano de 1872, os fundos necessários tendo sido reunidos, eles o recrutaram como diretor do novo estabelecimento que seria inaugurado no ano seguinte.

Böschenstein avisou os alunos e seus pais. Embora a escola deixasse de lhe pertencer, o método continuaria o mesmo e aqueles que quisessem continuar os estudos sob sua direção seriam transferidos para a nova escola. Tudo acertado, Böschenstein vendeu o terreno e o prédio do Ipiranga. A construção do edifício do Culto à Ciência se eternizara e, em julho de 1873, ele ainda não estava pronto. Böschenstein e seus alunos deviam partir. O professor já passara por inúmeros transtornos em sua vida e não seria a falta de prédio que o imobilizaria. Mudou-se para Campinas em companhia dos alunos e instalou provisoriamente o Ipiranga numa casa particular⁷³.

O Colégio Culto à Ciência foi inaugurado no dia 12 de janeiro de 1874. Böschenstein era diretor, Uhlmann, vice-diretor e os alunos vindos de Araraquara integraram o novo estabelecimento⁷⁴. Böschenstein sempre fora e continuava a ser obstinado. Graças a essa característica não se resignara à vida de lavrador no Mucuri, fundara sua escola, seu filho estudara e se formara. Os excelentes resultados dos alunos do Ipiranga o convenceram da qualidade de seu método de ensino e estava determinado a continuar a aplicá-lo. Não aceitou as modificações que os dirigentes da associação Culto à Ciência propunham para a nova escola. Os dois lados mantendo suas posições, em março, ele e Uhlmann pediram demissão⁷⁵.

Diante da impossibilidade de voltar para Araraquara – o prédio fora vendido – e de se estabelecer em Campinas, Böschenstein partiu para São Paulo, a capital da província. No mês seguinte, abril de 1874, ele reabriu o Colégio Ipiranga numa chácara pertencendo ao Barão de Mauá⁷⁶. Os quarenta alunos que haviam seguido o mestre de Araraquara para Campinas se desligaram do Culto à Ciência e o acompanharam na nova migração⁷⁷.

Böschenstein se integrou ao meio da comunidade suíça local, entre os quais encontrou alguns antigos companheiros do Mucuri que também haviam desertado da localidade. As comunidades suíças da capital e de Campinas tinham certas divergências e, após o falecimento do vice-cônsul de Campinas, no início do ano de 1875, os suíços de São Paulo se reuniram e pediram que o vice-consulado da província fosse transferido para a capital. A petição, assinada por oitenta e seis suíços de diversas origens, propunha Ferdinand Böschenstein para o cargo. O

pedido foi enviado à Suíça, mas não foi levado adiante. A população suíça de Campinas era bem maior que a de São Paulo e o vice-consulado permaneceu na cidade⁷⁸.

O Colégio Ipiranga mudou de local. Passara a funcionar nos Campos Eliseus⁷⁹ e sua reputação continuava excelente.

Em janeiro de 1879, um novo estabelecimento de ensino foi fundado em São Paulo, a Deutsche Schule (hoje Colégio Visconde de Porto Seguro), que passou a funcionar na rua Senador Florêncio de Abreu, nº 31⁸⁰. Criada por um grupo de alemães, ela era fruto de uma reflexão sobre a melhor maneira de concretizar os objetivos socioculturais dos germânicos, defender essa cultura e fortalecer a comunidade.

Os alunos dispersos entre diferentes estabelecimentos particulares afluíram, salvo os matriculados no Colégio Ipiranga. A qualidade de seu ensino continuava a ser excelente e os pais hesitavam em mudar os filhos para um estabelecimento cuja reputação ainda não estava estabelecida. As duas escolas continuaram a funcionar separadamente até o ano de 1883, quando uma série de divergências internas na Deutsche Schule provocou a troca da diretoria e o êxodo de uma parte de seus alunos para o Colégio Ipiranga.

O Ipiranga ameaçava a existência da Deutsche Schule e a resolução do problema só viria da união das duas escolas. Böschenstein foi convidado a ser diretor da Deutsche Schule. No início de 1884, ele, o primo e os alunos do Ipiranga integraram a escola alemã⁸¹.

As dissensões internas eram profundas. As bisbilhas continuaram e Böschenstein demitiu-se. Cerca de quarenta alunos abandonaram a Deutsche Schule e se matricularam no novo colégio fundado por Böschenstein no início de 1886. A fusão das duas escolas o impedia de recuperar o nome de Ipiranga. O novo estabelecimento de ensino recebeu o nome de Escola Teuto-Brasileira e passou a funcionar no número 22 da rua Duque de Caxias⁸².

Ferdinand Junior havia se separado dos pais e do primo. Seguiu seu próprio caminho, mudara-se para o Espírito Santo e, em setembro de 1886, casou-se com uma brasileira⁸³.

Ferdinand e sua esposa envelheciam. Estavam às vésperas de completar setenta anos, dos quais trinta e dois passados no Brasil. A tenacidade de Böschenstein fora recompensada e ele realizara seu sonho e se tornara um homem bem-sucedido. Fundou duas escolas, aplicou seu método de ensino em três províncias diferentes e havia formado centenas de alunos. Johann Georg Böschenstein, o irmão mais velho de Ferdinand, com quem estava brigado, falecera em 1885. Três anos mais tarde, Ferdinand Böschenstein, sua esposa Anna Rosália Elmiger e o primo Daniel Heinrich Uhlmann voltaram para a Suíça⁸⁴ e se estabeleceram na cidade de Lucerna, no cantão de mesmo nome.

Anna Rosalia faleceu em março de 1895, aos setenta e seis anos. Ferdinand, aos oitenta e cinco, em janeiro de 1904.

Ferdinand Junior e sua esposa, Elvira Amélia do Nascimento, continuaram a viver no Brasil e tiveram vários filhos. Parte dos descendentes de Ferdinand e Rosália vive hoje na cidade de Campos de Goytacazes, no Rio de Janeiro.

NOTAS E BIBLIOGRAFIA

¹ Michael Böschenstein, tio e padrinho.

Registros de igreja de Wagenhausen, Cantão de Turgóvia.

² Dictionnaire Historique de la Suisse (DHL) - <https://hls-dhs-dss.ch/fr/>

³ Johann Heinrich Pestalozzi (1746-1827), considerado o pioneiro da pedagogia moderna, elaborara um método de educação fundado no desenvolvimento progressivo de todas as faculdades do aluno.

⁴ Johannes Büel (1761-1830) era diácono, mestre-escola e inspetor escolar. Admirador de Rousseau e do Iluminismo, ele se baseara em sua convicção de que o homem estava destinado a ser feliz e em sua experiência como mestre na pequena escola rural de Hemishofen (SH) para desenvolver os princípios e práticas educacionais que colocava em prática. Alguns anos mais tarde, ao visitar o Instituto de Pestalozzi em Burgdorf (BE), ele se entusiasmou pelo método aplicado, que considerava mais adaptado ao desenvolvimento natural da criança, e passou a recomendá-lo. A partir de 1803, ele exerceu como conselheiro nas cortes da Saxônia e da Áustria. Em 1817, de volta à Suíça, ele se estabeleceu em Zürich, voltando para Stein sobre o Reno em 1829.

⁵ Philipp Albert Stapfer (1766 -1840), Ministro das Artes e da Educação entre 1798 e 1800, que aconselhado por pedagogos e intelectuais de renome, entre eles Johann Heinrich Pestalozzi, propôs uma reforma considerável no sistema de ensino suíço.

⁶ Horlacher, Rebekka. Pestalozzi und die Lehrer um 1800 in Tröhler, Daniel, Volksschule um 1800 – Studien im Umfeld der Helvetischen Stapfer-Enquete 1799. Bad Heilbrunn, Verlag Julius Klinkhardt, 214. p. 135-148.

⁷ Kalendar aus das Jahr 1846. Ziegler'schen Buchdruckrei, Schaffhausen, p. 40.

⁸ Lista de passaportes entregues entre os anos de 1846 e 1854. Staatsarchiv Schaffhausen.

⁹ Nascida no dia 23/6/1819, filha de Anna Maria Herzog e do médico Joseph Elmiger.

¹⁰ Idem nota 3.

¹¹ Registros de igreja de Wagenhausen, Cantão de Turgóvia.

¹² Idem nota anterior.

¹³ Muitas vezes também ortografado Ullmann.

¹⁴ Feuille Fédérale Suisse n°43 do dia 9/9/1861, p. 594.

¹⁵ Contrato assinado pelo colono R. Widmer em março de 1856. Arquivo Federal Suíço. E2200.67-02#1000/675#74*. Korrespondenzen. 1856.

¹⁶ Ottoni Theóphilo Benedicto, A colonização do Mucury. Memória justificativa. Rio de Janeiro, Tip. Brasiliense de Maximiano Gomes Ribeiro, 1859.

¹⁷ Idem nota anterior.

¹⁸ Carta do Conselho Federal Suíço dirigida ao consulado-geral do Rio de Janeiro e datada do dia 31/3/1856. Arquivos Federais Suíços, E2200.67-02#1000/675#74*, 74, Korrespondenzen, 1856.

¹⁹ Idem nota 9.

Schwarz, W. Auswanderer aus dem Amtsblatt des Kanton Schaffhausen 1841 - 1899 . Staatsarchiv Schaffhausen, 2010.

²⁰ Contrato assinado pelo colono R. Widmer em março de 1856. Arquivo Federal Suíço. E2200.67-02#1000/675#74*. Korrespondenzen. 1856.

²¹ No contrato de parceria, cada família de colonos recebia um número determinado de plantas para cultivar, colher e beneficiar, e uma roça para o plantio dos alimentos que consumiria. O produto da venda das plantas era repartido

entre o colono e o fazendeiro e o mesmo princípio devia prevalecer para os produtos da roça do colono, caso ele os vendesse.

²² Certificado de batismo do dia 20/6/1830. Registros de igreja de Wagenhausen, Cantão de Turgóvia.

²³ Jornal do Comércio, 23/10/1856, p. 1.

Otoni Theóphilo Benedicto, A colonização do Mucury. Memória justificativa. Rio de Janeiro, Tip. Brasiliense de Maximiano Gomes Ribeiro, 1859.

²⁴ Barca, grande veleiro de três mastros e gurupés (mastro horizontal na proa).

²⁵ Correio Mercantil (RJ), dia 27/5/1856, p. 1 e 4, e dia 31/5/1856, p. 1.

²⁶ Correio Mercantil (RJ), dia 2/6/1856, p. 1 e 4.

²⁷ Baldow, Memórias de um imigrante, publicado em Rothe, Max e al. 100 anos de colonização alemã em Teófilo Otoni, Minas Gerais. Minas Gerais, 1956, p. 50.

Marx, Walfrieda. Registro das lembranças da colona Anna Maria Lindner Hollerbach, que chegou em 1856. Coleção particular.

Relatório que a Assembleia Legislativa Provincial de Minas Gerais apresentou na abertura da sessão ordinária de 1856, o conselheiro Herculano Ferreira Penna, presidente da mesma província. Ouro Preto, Tip. do Bom Senso, 1856. Documento n°4, p. S4-15.

²⁸ Idem nota anterior.

²⁹ Idem nota anterior.

Correio Mercantil (RJ), dia 17/2/1855, p. 1.

³⁰ Relatório Ass. Leg. Prov. de M. Gerais apresentou na abertura da sessão ordinária de 1857 o conselheiro H. F. Penna, presidente da província. Ouro Preto, Tip. Provincial, 1857, p. S2-41.

Correspondência entre H. David, os colonos do Mucuri e o Conselho Federal. Arquivo Federal Suíço, Caixas E2200.67-02#1000/675#19*, Missiven des Generalkonsuls David über die Kolonisation Brasiliens und Los der Schweizerkolonisten (Livre de Colonisation du Brésil), 1856 -1857, E2200.67-02#1000/675#75*, 75, Korrespondenzen, 1857.

³¹ Segundo o relatório de 1855, a estrada tinha 213 km. Os trabalhos de alinhamento feitos nos anos seguintes fariam com que perdesse 51 km e, em 1861, a distância entre Santa Clara e Filadélfia era de 162 km.

Relatório que à Assembleia Legislativa provincial de Minas Gerais apresentou, na abertura da Sessão Ordinária de 1856, o Conselheiro Herculano Ferreira Penna, presidente da mesma província. 1856, Tip. Bom Senso, Ouro Preto. p. S4-15 e 16.

Termo (n° 34) de avaliação das estradas e caminhos abertos pela antiga Companhia do Mucuri. Livro de inventário. Série Agricultura. Arquivo Nacional do Rio de Janeiro. IA6-141.

³² Relatório que à Assembleia Legislativa Provincial de Minas Gerais apresentou, na abertura da sessão ordinária de 1856, o conselheiro Herculano Ferreira Penna, presidente da mesma província. Ouro Preto, Tip. do Bom Senso, 1856. p. S5-15 e S5-16.

³³ Correio Mercantil (RJ), dia 3/10/1856, p. 1.

³⁴ Relatório que à Assembleia legislativa provincial de Minas Gerais apresentou, na abertura da sessão ordinária de 1858, o conselheiro Carlos Carneiro de Campos, presidente da mesma província. Ouro Preto, Tipografia Provincial, 1858 Anexo n°2 Balancete ou estado ativo e passivo da Companhia do Mucuri em 31/10/1857, p. S1-27.

³⁵ Relatório Ass. Leg. Prov. de M. Gerais apresentou na abertura da sessão ordinária de 1857 o conselheiro H. F. Penna, presidente da província. Ouro Preto, Tip. Provincial, 1857, p. S2-47.

³⁶ Relatório da Repartição dos Negócios da Guerra, apresentado à assembleia geral na 1ª sessão da 13ª Legislatura pelo Ministro e secretário de estado dos Negócios da Guerra João Lustoza da Cunha Paranaguá. Colônias Militares, Memórias por José Rufino Rodrigues Vasconcellos Rio de Janeiro, Tipografia Nacional, 1867. p. 51 (224/351)

Tschudi, Johann Jakob. Viagens através da América do Sul. Segundo volume. Belo Horizonte, Fundação João Pinheiro, 2006, p. 285 e 286.

³⁷ Relatório aos acionistas da Companhia do Mucury datado do dia 15/10/1857 e publicado no Correio Mercantil (RJ) dia 19/10/1857, p. 1.

³⁸ Cartas e relatórios escritos por Daniel Uhlmann e por Ferdinand Böschenstein, dirigidos a vários interlocutores em 1857 e 1858. Arquivos Federais Suíços, E2#1000/44#2099*, D.423.02, Berichte, Beschwerden, Interventionen betr. die Schweizer in Brasilien, insbesondere auf den Halbpachtkolonien von Vergueiro, u.a. Sammlung von

Privatbriefen schweizerischer Kolonisten in Brasilien. Frage betr. die Gemeindevorschüsse an Auswanderer, 1852-1860.

³⁹ Idem nota anterior.

Relatório do Dr. Sebastião Machado Nunes datado do dia 27/9/1859 e Carta de T. B. Ottoni ao conselheiro João de Almeida Pereira Filho, ministro e secretário dos negócios do Império datada do dia 9/3/1860, ambos publicados no Relatório apresentado aos acionistas da Companhia do Mucury no dia 10/5/1860. Rio de Janeiro: Tip. do Correio Mercantil, 1860. Anexo C, p. C65 e Anexo D, p. D7.

Tschudi, Johann Jakob. Viagens através da América do Sul. Segundo volume. Belo Horizonte, Fundação João Pinheiro, 2006.

⁴⁰ Correio Mercantil (RJ), dia 11/2/1858, p. 4.

⁴¹ Idem nota 39.

Tschudi, Johann Jakob. Viagens através da América do Sul. Segundo volume. Belo Horizonte, Fundação João Pinheiro, 2006.

⁴² Idem nota anterior.

⁴³ Johann Jacob von Tschudi (1818 -1889), médico, explorador e naturalista suíço, que viajou sobretudo na América do Sul. Após uma primeira viagem nos Andes peruanos entre 1838 e 1842, ele voltou à América do Sul entre 1857 e 1859, ocasião em que visitou Minas Gerais e passou pelo Mucuri. Entre maio de 1860 e outubro de 1861, ele esteve em missão no Brasil, como emissário especial do governo suíço encarregado de estudar as condições de vida nas colônias onde havia suíços. De suas diversas viagens, ele escreveu várias obras contendo suas observações etnográficas, geográficas, meteorológicas, medicais e linguísticas.

⁴⁴ Tschudi, Johann Jakob. Viagens através da América do Sul. Segundo volume. Belo Horizonte, Fundação João Pinheiro, 2006.

⁴⁵ Idem nota 39.

⁴⁶ Cartas escritas por um correspondente anônimo do Mucuri e publicada no Correio Mercantil (RJ) nos dias 13/1/1858, p. 2; 22/3/1858, p. 2; 12/5/1858, p. 1; 25/8/1858, p. 2; 20/10/1858, p. 2; 2/12/1858, p. 6; 4/1/1859, p. 2.

⁴⁷ Idem nota anterior.

⁴⁸ Idem nota anterior.

⁴⁹ Correspondência do Mucuri por autor anônimo e publicada no Correio Mercantil (RJ) no dia 12/5/1858, p. 1.

⁵⁰ Voluntariamente ou não, T. Ottoni não levou em conta que, em junho de 1856, quando os suíços chegaram, os colonos de Nuova Milano, situada a cerca de 12 quilômetros de Santa Clara, já haviam começado a fugir do local por causa da malária e que os moradores do Urucu, a cerca de 100 quilômetros do rio, também já haviam contraído a doença.

⁵¹ Avé-Lallemant, Robert. Viagem pelo norte do Brasil no ano de 1859. Primeiro volume. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1861, pág. 196.

⁵² Os registros civis só apareceram no fim do século XIX. Antes disso, as únicas pessoas autorizadas a legalizar casamentos, nascimentos e falecimentos eram as autoridades eclesiásticas. Embora os católicos pudessem obter seus documentos através do padre da Colônia Militar do Urucu, isso só poderia ser feito para os colonos acatólicos caso abjurassem suas religiões. Os herdeiros de um colono falecido que não pudessem provar seus estatutos perdiam seus direitos. Enquanto a colônia pertenceu a T. Ottoni, a falta desses registros eclesiásticos não teve grandes consequências. Porém esse não foi o caso quando, mais tarde, ela passou para as mãos do governo. A falta de documentos oficiais privou pelo menos duas viúvas e seus órfãos de conservarem as terras que haviam continuado a explorar.

⁵³ Relatório do Dr. Sebastião Machado Nunes datado do dia 27/9/1859 publicado no Anexo C do Relatório apresentado aos acionistas da Companhia do Mucury no dia 10/5/1860. Rio de Janeiro: Tip. do Correio Mercantil, 1860, p. 65.

⁵⁴ Robert Christian Barthold Avé-Lallemant (1812 -1884) chegou ao Rio de Janeiro, onde moravam dois de seus irmãos negociantes, em 1837, logo após se formar em medicina. Trabalhou durante dezoito anos na enfermaria dos estrangeiros da Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro, onde se confrontara com as diversas doenças tropicais. Sua ação exemplar durante a epidemia de febre amarela, no verão de 1849-1850, valera-lhe uma condecoração e a amizade do Imperador Dom Pedro II.

⁵⁵Correio Mercantil (RJ), dia 18/3/1859, p. 1.

Jornal do Comercio (RJ), dia 18/3/1859, p. 1.

Avé-Lallemant, Robert. Viagem pelo norte do Brasil no ano de 1859. Primeiro volume. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1861.

Relatório apresentado à assembleia geral legislativa na 4ª seção da 10ª legislatura pelo Ministro e secretário de estado dos negócios João de Almeida Pereira Filho. Relatório da Repartição das Terras Públicas. Mapa nº 4. 1860. Tip. Univ. Laemmert, Rio de Janeiro, p. 87.

⁵⁶Böschenstein era protestante, mas sua esposa era católica. O casal havia tido uma criança no fim de 1857, início de 1858, que foi batizada durante a visita anual do vigário da colônia militar do Urucu.

⁵⁷Carta escrita por um correspondente anônimo do Mucuri e publicada no Correio Mercantil (RJ), dia 22/5/1859, p. 1.

⁵⁸Tschudi, Johann Jakob. Viagens através da América do Sul. Segundo volume. Belo Horizonte, Fundação João Pinheiro, 2006.

Hollerbach, J. Leonhard Correspondência com o Comitê da Sociedade Missionária Evangélica da Basiléia. Anos de 1862 a 1889. Archiv der Basler Mission, Personalakten Brüder Verzeichnis. Personal Akten von Johann Leonhard Hollerbach. PABV 545.

Hollerbach, J. Leonhard cartas dirigidas ao Pastor Billroth publicadas em Billroth, Hermann. "Ein Evangelist in Brasilien". 1867 Verlag von C. Ed. Müller, Bremen, p. 264 a 270.

⁵⁹Carta de Ottoni datada do dia 17/1/1858 e publicada no Correio Mercantil (RJ) no dia 19/1/1858, p. 1.

⁶⁰Para evitar as fugas, a empresa confiscava os passaportes e só os devolvia após o pagamento total das dívidas.

⁶¹Correio Mercantil (RJ), 22/12/1859, p. 4.

⁶²Correio Mercantil (RJ), 19/7/1860, p. 4.

Termo (Nº 23) das dívidas ativas da Agência de Filadélfia e dos devedores particulares da mesma localidade. Livro de inventário da Companhia do Mucuri. Série Agricultura. Arquivo Nacional do Rio de Janeiro. IA6-141.

⁶³Livro de registros dos suíços morando no Brasil, Arquivos Federais Suíços, caixa E2#1000/44#2105.

⁶⁴Antônio José Alves Souto (1813-1880).

⁶⁵Correio Mercantil (RJ), 5/1/1867, p. 2.

⁶⁶Indicador Alfabético, Almanak de Laemmert para 1863. Rio de Janeiro, E. & H. Laemmert, 1863. p. 25 e 40

⁶⁷Carta do Consul ínterim do Rio de Janeiro Felix Favre, datada do dia 2/1/1867. Arquivos Federais Suíços, E2#1000/44#1442*, C.324.03.15, Rio de Janeiro - Generalkonsuln und Vizekonsul - Kanzler, Stellvertreter, 1849-1894.

⁶⁸O advogado e deputado paulista Joaquim de Almeida Leite Moraes.

⁶⁹Correio Mercantil (RJ), 5/1/1867, p. 2.

⁷⁰Gazeta de Campinas (SP), dia 2/3/1871, p. 2.

⁷¹Gazeta de Campinas (SP), dia 10/9/1871, p. 4.

⁷²Gazeta de Campinas (SP), dia 10/3/1870, p. 4, e 12/3/1872, p. 2.

Diário de São Paulo (SP), dia 12/9/1871, p. 3.

⁷³Gazeta de Campinas (SP), dia 13/7/1873, p. 4.

⁷⁴Gazeta de Campinas (SP), dias 1º/2/1874, p. 2, 15/1/1874, p. 1.

⁷⁵Gazeta de Campinas (SP), dias 25/3/1874, p. 3, e 12/4/1874, p. 3.

⁷⁶Gazeta de Campinas (SP), dia 30/4/1874, p. 4.

⁷⁷Diário do Rio de Janeiro, dia 3/4/1874, p. 1.

⁷⁸Correspondência entre os suíços de São Paulo e o Consulado Geral da Suíça no Rio de Janeiro e deste último com o conselho Federal na Suíça durante os anos de 1875 e 1876. Arquivo Federal Suíço, E2#1000/44#1472*, C.324.03.03, Errichtung einer Konsularagentur 1860 und eines Vizekonsulates 1861. Verlegung des Vizekonsulates nach Santos 1892 und Frage betr. Verlegung nach Sao Paulo 1875-1876, 1891-1892 / Vizekonsuln / Stellvertreter. 1860 -1894 .

⁷⁹Diário de São Paulo, 23/4/1878, p. 3.

A constituinte (SP), 9/4/1880, p. 4.

⁸⁰ Moura, Francisco Ignácio Xavier de Assis – Almanaque administrativo, comercial e industrial da Província de São Paulo para o ano bissexto de 1884. 1883, Jorge Seckler & Cia, São Paulo, p. 22 e 122.

Correio Paulistano, dia 2/1/1884, p. 4 e 10/1/1884, p. 3.

⁸¹ Bezerra, Maria Cristina dos Santos – Educação étnica: a pluralidade das propostas educacionais de origem germânica no Estado de São Paulo. (tese de doutorado) Campinas, Universidade Estadual de Campinas, 2007.

⁸² Idem nota anterior.

Seckler, Jorge – Almanaque da Província de São Paulo, administrativo, comercial e industrial para o ano de 1887. Jorge Seckler & Comp, São Paulo, p. 109 e 70.

Idem para o ano de 1888, p. 226 e 776.

⁸³ Diário de Notícias (RJ), 12/9/1886, p. 1.

⁸⁴ Correio Paulistano, dia 26/5/1888, p. 3.